

# Colégio Est. Dr. Eduardo Bahiana

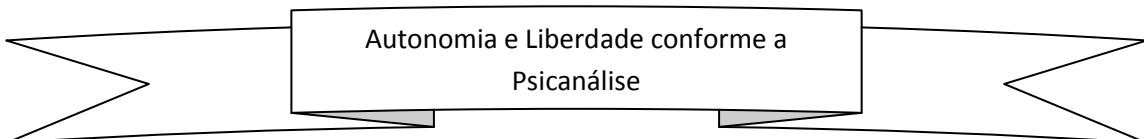
ALUNO:

DATA: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ /

TURMA:

DISCIPLINA: FILOSOFIA

Professor: MANUEL ANTONIO



A modernidade terminou um processo que a Filosofia começara desde a Grécia: o desencantamento do mundo, isto é, a passagem do mito à razão, da magia à ciência e à lógica. Por dever, damos a nós mesmos os valores, os fins e as leis de nossa ação moral e por isso somos **autônomos**.

Resta, porém, uma questão: se somos racionais e livres, por que valores, fins e leis morais não são espontâneos em nós, mas precisam assumir a forma do dever?

Responde o filósofo Immanuel Kant(1724-1804; Alemanha): porque não somos seres morais apenas. Também somos seres naturais, submetidos à causalidade necessária da Natureza. Nossa corpo e nossa psique são feitos de apetites, impulsos, desejos e paixões. Nossos sentimentos nossas emoções e nossos comportamentos são a parte da Natureza em nós, exercendo domínio sobre nós. Quem se submete a ela não pode possuir a autonomia ética.

A Natureza nos impele a agir por **interesse**. Este é a forma natural do egoísmo que nos leva a usar coisas e pessoas como meios e instrumentos para o que desejamos. Além disso, o interesse nos faz viver na ilusão de que somos livres e racionais por realizarmos ações que julgamos terem sido decididas livremente por nós, quando, na verdade, são um impulso cego determinado pela causalidade natural. Agir por interesse é agir determinado por motivações físicas, psíquicas, vitais, à maneira dos animais.

Visto que apetites, impulsos, desejos, tendências, comportamentos naturais costumam ser muito mais fortes do que a razão, a razão prática e a verdadeira liberdade precisam dobrar nossa parte natural e impor-nos nosso ser moral. Elas o fazem obrigando-nos a passar das motivações do interesse para o dever. Para sermos livres, precisamos ser obrigados pelo dever de sermos livres.

Cabe, então dois questionamentos: primeiro, como falar em autonomia moral, se o dever, os valores e os fins são impostos ao sujeito por uma razão oposta ao inconsciente e, portanto, oposta ao nosso ser real? A razão não seria uma ficção e um poder repressivo externo, incompatível com a definição da autonomia? Em segundo, visto que os desejos inconscientes se manifestam por disfarces, como a razão poderia pretender controlá-los sob o dever e as virtudes, se não tem acesso a eles?

A psicanálise encontra duas instâncias ou duas faces antagonistas no inconsciente: o **íd** ou libido sexual, em busca da satisfação, e o **superego** ou censura moral, interiorizada

pelo sujeito, que absorve os valores desua sociedade. Faríamos, porém, uma interpretação parcial da psicanálise se considerássemos apenas esse aspecto de sua grande descoberta, ignorando um outro que também lhe é essencial. De fato, a psicanálise encontra duas instâncias ou duas faces antagônicas no inconsciente: o **id** ou libido sexual, em busca da satisfação, e o **superego** ou censura moral, interiorizada pelo sujeito, que absorve os valores desua sociedade.

Nossa psique é um campo de batalha inconsciente entre desejos e censuras. O idama o proibido; o superego quer ser amado por reprimir o id, imaginando-setanto mais amado quanto mais repressor. O id desconhece fronteiras; o superego conhece barreiras. Vencedor, o id é violência que destrói os outros. Vencedor, o superego é violência que destrói o sujeito. Neuroses e psicoses são causadas tanto por um id extremamente forte e um superego fraco, quanto por um superego extremamente forte e um id fraco. A batalha interior só pode ser decidida em nosso proveito por uma terceira instância: a consciência.

Descobrir a existência do inconsciente não significa, portanto, esquecer a consciência e abandoná-la como algo ilusório ou inútil. Pelo contrário, a psicanálise não é somente uma teoria sobre o ser humano, mas é antes de tudo uma terapia para auxiliar o sujeito no autoconhecimento e para conseguir que não seja um joguete das forças inconscientes do id e do superego.

A psicanálise mostra que somos resultado e expressão de nossa história de vida, marcada pela sexualidade insatisfatória, que busca satisfações imaginárias sem jamais poder satisfazer-se plenamente. Não somos autores nem senhores de nossa história, mas efeitos dela. Mostra-nos também que nossos atos são realizações inconscientes de motivações sexuais que desconhecemos e que repetimos vida afora.

### Bibliografia:

CHAUÍ, M. S.(2000)*Convite à Filosofia*. São Paulo: Editora Ática, 2000.

### Reflexão do texto:

- 1) Conforme o texto, por que somos considerados autonomos?
- 2) Segundo Kant, se somos racionais e livres, por que valores, fins e leis morais não são espontâneos em nós, mas precisam assumir a forma do dever?
- 3) Qual a consequência da submissão do homem sob a natureza?
- 4) Qual é a forma natural do egoísmo?
- 5) Qual a ilusão que o interesse nos faz viver?
- 6) O que seria agir por puro interesse?
- 7) Por que precisamos dobrar nossa parte natural e impor-nos nosso ser moral?
- 8) O que seria o id e o superego para a psicanálise?
- 9) O que a psicanálise como terapia pode exercer?
- 10) O que a psicanálise nos mostra acerca da autonomia e liberdade?